

Brasília Antiga II

(o movimento estudantil)

Mônica Silva da Silveira

"Uma chegada vermelha, com um ponto preto", é assim que o médico Sylvain Levy, hoje com 36 anos, define o seu primeiro contato com Brasília. Corria o ano de 1960, e o menino de dez anos sobrevoava a Nova Capital, dizendo para si mesmo que o ponto preto só poderia ser o edifício do Congresso Nacional. E era.

Sylvain, criança carioca, apaixonou-se à primeira vista pela cidade. Mas o que o deixou estupefato de tanto fascínio, foi o Colégio da Caseb. "Era algo fantástico. Um lindo barracão, onde não havia grades ou muros, e para se chegar até lá atravessava-se um grande mar vermelho, pois a última rua existente no caminho era a W/3", conta ele, carregado de nostalgia. O nível dos professores era excelente, e Fábio Bruno, demitido após o golpe de 64, foi seu professor de história. A figura do bedel era inexistente, não havia paredes ou figuras que prendessem ou cerceassem os alunos, e tanto o sistema funcionava bem, que a garotada tinha prazer em permanecer no recinto escolar por livre e espontânea vontade. O difícil não era chegar ao colégio, e sim sair dele.

Aula de artes manuais... O que seria isso? Perguntava-se Sylvain. A resposta não demorou muito, esta aula foi o seu primeiro contato com a escola em Brasília. Um abajur foi feito a partir do revestimento de uma garrafa com couro. Os alunos faziam tudo, da pirografia à instalação elétrica. Mas a 1ª série "A" ficou famosa mesmo, quando o pequeno jornalista Sylvain entrevistou o então Presidente Juscelino Kubitschek para o jornal da turma. No Palácio da Alvorada, o pequeno repórter desejava saber do Presidente se ele iria se candidatar em 1965. Juscelino respondeu que, se os fatos políticos assim o permitissem, ele estaria de pé. Como num conto de fadas, JK pediu que o menino formulasse um desejo, que foi prontamente verbalizado: "eu quero dar uma volta de helicóptero por Brasília".

Maria Coeli, à época estudante do Elefante Branco, lembra com satisfação suas aulas com professores geniais. "Eles tinham sido escolhidos em um concurso realizado no Rio de Janeiro, no Maracanzinho, e tinham a cabeça muito aberta", diz ela, "contudo, paulatinamente foram sendo mandados embora, sendo que as demissões precederam o golpe militar, pois as forças reacionárias já se encontravam infiltradas, ainda que estivessem mascaradas".

Presença de grades

Em 1964, Sylvain ingressou no Elefante Branco, e aí a presença da grade já se fazia evidente. Porém jamais comparada aos fortes muros escolares que o marcaram até sua chegada a Brasília. Já em 1965, com 14 anos, a nova experiência foi o CIEM — Centro Integrado de Ensino Médio da Universidade de Brasília. "Era um movimento bonito, que visava a mudar a escola no Brasil, e cujos resultados foram realmente fantásticos, em termos de uma continuidade de experiências educacionais realizadas". Para alguém ingressar no Ciem, não importando a série que se fosse cursar, era necessário passar por uma seleção, apelidada de minivestibular. O boato de que os alunos da instituição teriam passe livre para o ingresso na UnB corria, mas não passava de mero boato. O vestibular da Universidade era para todos. Entretanto, as provas de seleção para a escola experimental não se restringiam a medir o nível de bagagem acumulada pelos estudantes durante o tempo passado nos bancos escolares. As atualidades, as notícias de jornal e suas expectativas perante a vida e o mundo eram fatores de fundamental importância para a seleção. No terceiro ano, hoje correspondente ao terceiro do segundo grau, a turma de Sylvain teve que apresentar, como prova final de história, uma monografia. O tema era livre, cada aluno escolhia o seu, e o já então adolescente, que tinha como professor da cadeira o conhecido Carlos Fernando Matias, trabalhou o semestre inteiro para executar a tarefa solicitada. Vinte e um anos separavam 1966 do término da Segunda Grande Guerra, e a monografia apresentada foi: "Há quanto estamos com a Terceira Guerra Mundial?" A definição do CIEM, dada pelo seu criador, o professor Aragão, era a idealização do lema: "liberdade com responsabilidade". A vida era comunitária, as grades não existiam, e o

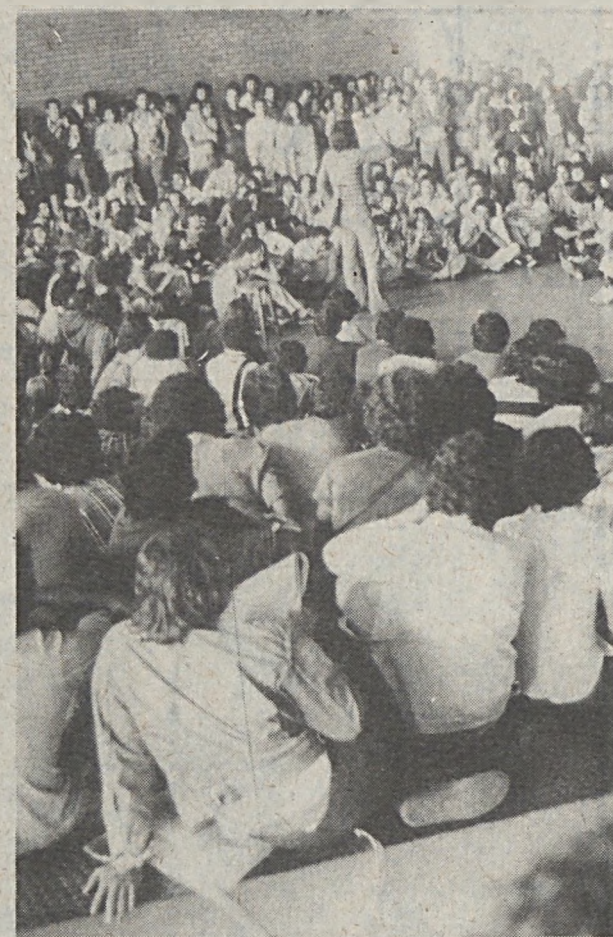
período escolar era integral: de 7 às 11, com intervalo para almoço, e de 14 às 18 horas. A cada bimestre, um dia era escolhido como "o dia da confraternização", e, alunos e professores reuniam-se em locais bucólicos e aprazíveis, para um delicioso piquenique. A figura do "senhor" não existia. Nunca. O CIEM gerou os mais diferentes frutos. Como exemplo de ex-alunos, podem ser citados: o jornalista Hélio Doyle, os empresários Luís Estevão e Raif Gibran, o artista plástico Cildo Meirelles, o cineasta Zé Alberto Porto, e a atriz Denise Bandeira, entre outros.

Subversivos, todos

Em 1967, o nosso rapaz ingressa no curso de medicina da UnB, e explica que "a partir de então o estudante deixava de ser um contestador, para se tornar um subversivo". O simples fato de alguém ser estudante já o colocava na temível categoria. E assim as passeatas aconteciam. O objetivo era sempre o de quebrar a Casa Thomas Jefferson, na época, situada na Av. W/3, onde hoje se encontra o Banco Itaú, na altura da 510. Os pontos de partida dos grupos eram a Estação Rodoviária e o Restaurante do GTB — Grupo de Trabalho de Brasília, que se ocupava das transferências de funcionários para a Nova Capital — prédio que hoje abriga o INL, na 506/7 Sul. O encontro acontecia na altura da Escola Parque, e até que a Thomas Jefferson fosse alcançada, muita água rolava, e "a porrada comia" e as tropas de choque se deparavam frente a frente.

O clima era de terror.

O ano de 1968 foi o estopim. Mercado não somente pelo enrijecimento da ditadura militar brasileira, carregava em si um questionamento geral do mundo ocidental. "As Barricadas do Desejo, ou o maio de 68 francês, alterou o tipo de percepção dos estudantes", afirma Beto Brasiliense, que atualmente é músico, e na época aluno do CIEM. A repressão, ainda que forte, atingia o CIEM de forma diluída: os secundaristas, por



serem menores, não eram caçados no colégio. Eram, sim, apanhados em casa e jogados em kombis.

Circuito latino

Nos dois anos subsequentes, a rapaziada tentava novas formas de manifestação política, pois o movimento secundarista entrara rapidamente na clandestinidade. Surgiu, então, a forma de resistência cultural. Diferente do movimento hippie americano, os nossos coloridos cabeludos tinham outras motivações, sendo que a cena específica de Brasília é comparada por Beto Brasiliense com a Coluna Prestes. A polícia logo aprendeu a identificar a política dentro da cultura, propiciando mais uma vez a dispersão dos grupos. E, como a coisa estava forte, não houve outra maneira de escapar, senão viajando. O circuito da América Latina e interior do Brasil propiciou que a busca existencial e social continuassem a acontecer. Uma viagem dentro da mesma viagem...

Roque de Sa



Roque de Sa